

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

EMANUELLE SOUZA ALVES DA SILVA

ASPECTOS NIILISTAS PRESENTES NO PERSONAGEM
PASENOW EM “OS SONÂMBULOS”, DE HERMANN BROCH

Brasília, 2017

EMANUELLE SOUZA ALVES DA SILVA

**ASPECTOS NIILISTAS PRESENTES NO PERSONAGEM
PASENOW EM “OS SONÂMBULOS”, DE HERMANN BROCH**

Monografia apresentada perante o
Departamento de Filosofia da Universidade
de Brasília como requisito para a obtenção
do título de licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof^o Dr. Wilton Barroso Filho

Aprovada em
03/07/2017

Prof. Dr. Wilton Barroso-Filho
Professor-orientador

Prof. Dr. Pedro Erginaldo Gontijo
Professor-banca

Brasília, 2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, amigos e a meu namorado, que desde o Ensino Médio respeitaram e apoiaram minha vontade de cursar Filosofia, reconhecendo sua importância dentre todas as formas de conhecimento. Agradeço também ao Centro de Ensino Médio 09, de Ceilândia, que me formou como aluna e também como pessoa e me preparou para a experiência universitária.

Agradeço aos professores motivadores com que tive contato na UNB, que não são somente da área de Filosofia e me incentivaram, através de suas aulas, a me apaixonar mais ainda pelo conhecimento.

Sou grata por ter participado do PIBID ao longo de dois anos, contando com a confiança do professor coordenador Pedro Gontijo. Foi uma experiência única ter contato com o ensino de filosofia nas escolas públicas do Distrito Federal e foi em uma escola de ensino médio que tive meu primeiro contato com Nietzsche.

Por fim, agradeço ao professor Wilton Barroso, por ter me acolhido no grupo Epistemologia do Romance assim que saí do PIBID, confiando em meu potencial. Dessa forma, também agradeço aos membros do grupo por terem feito grande diferença no meu crescimento acadêmico, me auxiliando a me aventurar na teoria literária e me propondo perceber que faz muito mais sentido trabalhar de forma interdisciplinar, pois não faz sentido nos fecharmos às relações que as diversas áreas do conhecimento têm entre si.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que forma se desenvolve o niilismo do personagem Pasenow na obra “Os sonâmbulos”, de Hermann Broch. A investigação se dará a partir da Epistemologia do Romance, que é uma proposta teórica que visa analisar um objeto literário, juntamente com fundamentos filosóficos e, a partir disso, formular conhecimento. Buscaremos descobrir que tipo de conhecimento essa obra literária pode nos proporcionar a partir da história desse personagem que vive na Alemanha, no início do século XX e está imerso em vários problemas existenciais, especialmente em processos que levam o sujeito ao niilismo e, a partir disso, refletiremos como podemos abordar essas relações levando em conta que se tratam de questões pertinentes à condição humana.

Palavras-chave: *Niilismo; Literatura; Filosofia.*

ABSTRACT

This research aims to analyze how the nihilism of the Pasenow character develops in Hermann Broch's "The Sleepwalkers". The investigation comes from the Epistemology of Romance, which proposes to analyze a literary object along with philosophical foundations. We will seek to discover what kind of knowledge this literary work can provide us by revealing this character who lives in Germany in the early 20th century and is immersed in various existential problems, especially in processes that lead the subject to nihilism, and reflect how we can approach this knowing that is issue pertaining to the human condition.

Keywords: *Nihilism; Literary; Philosophy.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. Pasenow e seus paradoxos.....	11
3. A decadência de valores.....	14
4. O sofrimento oculto.....	20
5. CONSIDERAÇÕES.....	33
6. REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar como se dá a degradação de valores que leva ao niilismo do personagem Joaquim von Pasenow, na obra literária “Os sonâmbulos”, uma trilogia que tem autoria do escritor austríaco Hermann Broch (1886-1951). A escolha por esta obra vem do fato de nela conter grandes reflexões filosóficas, por meio das quais Broch, no decorrer da narrativa, apresenta linhas de pensamento filosófico que se relacionam com seus personagens.

Utilizaremos como base teórica para esta pesquisa a Epistemologia do Romance, propõe uma análise da obra literária sob as perspectivas epistemológica, estética e hermenêutica. O âmbito epistemológico analisa a carga de conhecimento presente na obra e, para dar conta dessa ampla relação filosofia-literatura, a Epistemologia do Romance se utiliza da estética, que abarca questões sobre as escolhas que o criador literário faz para transmitir ao leitor o que ele quer que seja percebido pelo leitor no decorrer da leitura, como por exemplo, a vestimenta dos personagens. Por último e não menos importante temos a hermenêutica, que diz respeito à historicidade que deve ser levada em conta ao se relacionar obras literárias com obras filosóficas, seja a história do autor, do leitor ou dos personagens.

A busca por esses aspectos torna a nossa leitura arguta, ou como Barroso (2015) sugere: é uma leitura feita por um leitor pesquisador, que espera que o autor tenha algo para dizer. Entendemos que o romance “Os sonâmbulos” não se limita ao que Immanuel Kant chama de “arte agradável”, no sentido de somente levar sensações prazerosas ao leitor, pois vai além disso, se preocupa em proporcionar reflexões e fruição.

A fruição ocorre quando pensamos o texto levando em conta nosso próprio contexto, vivências e leituras anteriores, fazendo-o proporcionar novas reflexões sobre um determinado assunto. Na “Crítica da Faculdade do Juízo”, Kant explicita:

Se a arte, conformemente ao conhecimento de um objeto possível, simplesmente executa as ações requeridas para torná-lo efetivo, ela é arte mecânica; se, porém, ela tem por intenção imediata o sentimento de prazer, ela chama-se arte estética. Esta é ou arte agradável ou arte bela, ela é arte agradável se o seu fim é que o prazer acompanhe as representações enquanto

simples sensações; ela é arte bela se o seu fim é o prazer as acompanhe enquanto modos de conhecimento. (1980, p.151)

A partir disso, nos empenharemos em apreender aspectos da obra para além da forma, ou seja, para além de sua estrutura enquanto obra artística. Não desdenhamos os aspectos puramente estéticos, pois cada um deles tem sua importância ao demonstrar a intenção do autor, mas não nos deteremos neles, visando, assim, usufruir do conhecimento filosófico presente no texto. Nesse sentido, analisaremos cada aspecto do texto literário de modo a procurar aspectos que o fundamentam, para não cair no juízo opinativo.

Dessa forma, a maior motivação para a execução desta pesquisa é o interesse na possibilidade da literatura, juntamente com os fundamentos teóricos filosóficos, trazer algum tipo de conhecimento, seja sobre a condição humana, sobre a trajetória histórica de algum conceito, ou mesmo sobre tabus da sociedade, que podem ganhar voz através de uma narrativa literária. O espaço literário permite que o autor explore problemas filosóficos de modo profundo mesmo estando no âmbito fictício, como sugere Kundera:

Em nossos estudos, reconhecemos que a História fática por si só não é capaz de demonstrar aspectos humanos e cotidianos de um tempo, mas a narrativa literária permite-nos apreender a sensibilidade humana de uma época, com todas as suas angústias, preconceitos e tabus. (KUNDERA, 1988, p. 38).

Para o escritor romanesco Milan Kundera, a história deve ser compreendida como uma situação existencial. Os personagens kunderianos são egos experimentais e agem como se o autor imprimisse neles os mais diversos comportamentos humanos para compreender o próprio ser humano.

Ao ler uma narrativa literária, o leitor infere que as personagens descritas ali não existem no mundo real, mas elas podem “se vestir” da existência humana. Wilton Barroso (2015, p. 22) chama esse movimento de *serio ludere*, literalmente traduzido por “brincadeira séria”, que consiste na capacidade que o romance tem de exprimir o real através de narrativas ficcionais. Nesse sentido, fica mais claro o que Kundera chama de egos experimentais.

Cada narrativa literária apresenta a representação de um sujeito e este é um “estar no mundo”, no sentido do *in-der-Welt-sein* de Heidegger. Kundera diz que “o homem e o mundo estão ligados como o caramujo e sua concha” e que “à medida em que o mundo muda, a existência (*in-der-Welt-sein*) muda também” (KUNDERA, 1988, p.36).

Assim, uma obra literária precisa ser analisada numa perspectiva histórica, pois devemos considerar o fato de que o autor tinha suas próprias rupturas históricas em seu contexto e o leitor que entra em contato com a obra está inserido em outro contexto, sendo necessário ter ciência dessa noção de tempo para entendermos a importância das questões levantadas pelo autor. Para Hegel, a arte que se expressa em formas diversas e inesgotáveis caminha juntamente com sua carga histórica:

A obra de arte, dada a sua natureza ao mesmo tempo material e individual, nasce essencialmente de toda espécie de condições particulares, dentre as quais estão especialmente a época e o lugar de nascimento, a individualidade do artista e, principalmente, o nível de aperfeiçoamento técnico da arte. Para intuir e conhecer um produto artístico de modo determinado e fundamental e, mesmo, para fruí-lo, é imprescindível atender para todos esses aspectos. (HEGEL, 2001, p. 55-56).

A recepção do objeto literário depende da fruição do leitor, pois o afeto (no sentido de afetar) do objeto para com o sujeito não parte do objeto, mas do sujeito. Fruição é um conceito kantiano que compreende como o sujeito entende os objetos e conhece-os colocando-os em relação a outros, ou seja, quanto mais se consegue fazer a relação desse objeto com a história, com a carga de leitura pessoal, etc., mais se frui. E suspender o julgamento moral pessoal é essencial para abrir espaço para a fruição.

A partir da perspectiva da Epistemologia do Romance, vemos que a literatura não é um espaço de absoluta facticidade e a obra que será analisada é fictícia. Embora o termo ‘epistemologia’ (do grego *ἐπιστήμη* [episteme], significa conhecimento) normalmente se aplique às ciências exatas, pode ser aplicado ao estudo da arte literária, pois entendemos que a criação artística não provém da absoluta aleatoriedade, sendo que há um ser racional que a formula fazendo escolhas estéticas e, a partir disso, exprimindo seu pensamento. Em relação a como interagimos com a investigação no campo artístico na modernidade, Hegel diz:

Hoje, além da fruição imediata, as obras de arte também suscitam em nós o juízo, na medida em que submetemos à nossa consideração pensante o conteúdo e o meio de exposição da obra de arte, bem como a adequação e inadequação de ambos. A ciência da arte é, pois, em nossa época muito mais necessária do que em épocas na qual a arte por si só, enquanto arte proporcionava plena satisfação. A arte nos convida a contemplá-la por meio do pensamento e, na verdade, não para que possa retomar seu antigo lugar, mas para que seja conhecido cientificamente o que é a arte. (2001, p. 35).

Hegel mostra que não se investiga a arte da forma científica sistematizada, mas que ela é “objeto adequado para reflexão filosófica” (2001, p.36) e, a partir disso, proporemos algumas análises nos utilizando da filosofia e da teoria literária para mostrar o que Broch poderia estar tentando transmitir ao leitor em sua criação.

Também o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900), contemporâneo de Broch, nos mostra como o olhar histórico que investiga passo a passo de um determinado conceito é importante para se compreender o presente que Pasenow vive na obra. Utilizaremos de suas reflexões filosóficas para elucidar como se daria a moral daquela época na qual Broch supõe estar em processo de degradação de valores.

2. Pasenow e seus paradoxos

A narrativa de “Os Sonâmbulos” se passa no início do século XX, precisamente no ano de 1888 a 1914. Os volumes foram escritos com dez anos de pausa de um para o outro, sendo publicados na ordem “Pasenow, ou o romantismo” (1888), “Esch, ou a anarquia” (1903) e “Huguenau ou a objetividade” (1918), sendo que o personagem Pasenow está presente apenas no primeiro e terceiro volumes. As histórias dos personagens Pasenow, Esch e Huguenau coexistem e acontecem na Alemanha e na última obra se desenrola a Primeira Guerra.

A obra mostra os paradoxos que o sujeito encontra vivendo na modernidade, pois que a ideia de sujeito responsável pela sua ação é difundida na Europa após o período da Idade Média, no qual os atos considerados bons eram atribuídos a um ser divino do bem e os atos considerados maus, dentro de um sistema ético, eram atribuídos a uma divindade má. Desenvolveremos mais à frente essa ideia de sujeito moderno tentando mostrar o quanto ela tem grande influência na obra de Broch.

No primeiro volume da obra “Os Sonâmbulos”, intitulado de “Pasenow ou o romantismo”, o personagem principal é Joaquim von Pasenow, um jovem alemão cuja

família é protestante, que acabara de entrar na escola de cadetes, enquanto que seu irmão mais velho fora destinado a cuidar dos negócios da família ~~que eram~~ relacionados à agricultura.

Logo nas primeiras passagens da história um leitor atento percebe que Pasenow não está feliz com sua condição e que esconde isso por trás de sua aparência militar, que há muito se tornara hábito e orgulhava a família. Há uma passagem em que o narrador diz que: “o romantismo severo e genuíno dessa época é o romantismo do uniforme, como se existisse uma ideia sobrenatural e atemporal de uniforme” (BROCH, 2011, p. 27) desenvolvendo a tese de que a vestimenta militar remete a um homem que traz ao povo segurança e decência.

Pasenow tinha consciência disto e por isso se atrelou profundamente ao uniforme militar, possibilitando ao narrador afirmar que “ninguém, muito menos Pasenow, é capaz de dizer onde fica a fronteira entre seu eu e o uniforme” (BROCH, 2011, p. 32), tomando seu ofício como parte de si.

Kundera, em “A arte do romance” (1988), procura mostrar como se dá a criação literária que pensa o mundo e apresenta suas reflexões sobre “Os sonâmbulos”. Em uma passagem ~~do livro~~ ele fala sobre a relação de Pasenow e o uniforme militar dizendo que “o uniforme é o que não escolhemos; o que nos é determinado; a certeza do universal diante da precariedade do individual” (1988, p. 50) e, partindo disso, entendemos que Pasenow esconde seu verdadeiro eu no uniforme em razão de seus valores morais.

Num dado momento da narrativa, o irmão de Pasenow morre em um duelo e sua morte foi considerada um ato de honra pela família. Seu amigo Bertrand não sente honra, mas repulsa por aquela situação. Ele é um personagem opositor de Pasenow, pois consegue viver de forma independente e fazer suas escolhas. É curioso como Bertrand irrita Pasenow por conseguir viver longe de obrigações, sendo o “perturbador da ordem divina” (KUNDERA, 2001, p. 52), podendo opinar sobre os acontecimentos sem se envolver. Pasenow reflete sobre a postura dele na passagem em que diz: “suas indiscrições irônicas e também aquele traço irônico em torno de sua boca são odiosos” (BROCH, 2011, p. 205).

A responsabilidade de cuidar do patrimônio da família recai sobre Pasenow. Seu pai está velho e é necessário traçar as obrigações para que ele tenha condições de manter o patrimônio familiar. Em razão de sua herança, o pai de Pasenow planeja que o filho se case e prontamente escolhe determinada jovem e propõe que ela seja sua esposa: “que tal Elisabeth? Afinal de contas, são algumas centenas de jeiras que os Baddesen têm em Lestow e a moça haverá de herdar tudo algum dia” (2011, p.33), desse modo, a ideia é que os dois se casem para juntar suas heranças futuramente.

O jovem Pasenow fica num impasse, pois é apaixonado por uma atriz polonesa chamada Ruzena e a encontra quando tem tempo livre, mas é pressionado a casar-se com quem não ama. Ruzena não está dentro do ideal de mulher decente para a época. Ela é livre, ganha seu dinheiro e fica com o homem que quer e Elisabeth é seu oposto.

Para Kundera (1988) Pasenow adota a aparência romantizada do militar, mas também é vítima da romanticidade e da beleza que o sistema no qual está inserido promove e renuncia a seus sentimentos verdadeiros decidindo-se casar com Elisabeth, pois “na verdade, o que o atrai não é ela, mas tudo o que ela representa para ele” (KUNDERA, 1988, p. 57), pois em várias passagens que são narradas, em que aparecem os dois juntos, Pasenow fica encantado com a doçura e segurança que Elisabeth o proporciona.

O interessante é que Pasenow faz o mesmo quando está com Ruzena, pois romantiza seus momentos com ela idealizando um desfecho utópico que resultaria num futuro perfeito. Podemos dizer que esse otimismo ingênuo e efêmero que Pasenow exprime no livro em relação a seu futuro é o que Kundera (1988) chama de idílio. Para ele, o idílio nasce com a sociedade moderna e é o desejo de alcançar um estado de completa anulação dos conflitos, resultando num estado harmônico, sendo “o estado do mundo antes do primeiro conflito; ou, fora dos conflitos; ou, com conflitos que não passam de mal-entendido, por conseguinte falsos conflitos” (KUNDERA, 1988, p. 118).

Em vários momentos, Pasenow divaga sobre aspectos de Elisabeth e de Ruzena como se estivessem embaralhados, sem clara distinção e ele racionalmente as distancia e escolhe seu destino. Em uma passagem do livro ele está frente a frente com Elisabeth e o narrador afirma que:

(...) que é um olhar? Ele botou a mão nos próprios olhos e de repente Ruzena estava ali, e os olhos de Ruzena, que ele buscara tateando encantado através das pálpebras. Inimaginável que ele algum dia pudesse tocar Elisabeth sobre os olhos. (...) Joaquim quase se mostrava satisfeito em ver apenas um único caminho para a salvação, o caminho reto da obrigação, ainda que ele mesmo sáísse queimado dele. (BROCH, 2011, p.228).

Com a investigação partindo da Epistemologia do Romance, nos atentamos também aos elementos que se repetem no decorrer da narrativa para alcançar o fundamento epistemológico do texto. Durante a narrativa, percebemos que apesar de Pasenow ter seus devaneios, ele está insatisfeito com sua condição e parece não querer pensar sobre seu presente, sendo que em vários momentos apenas aceita o que lhe é ordenado, como se tanto fizesse tomar decisões importantes sobre sua vida. Posto isso, supomos que a repetição desse elemento é uma ênfase intencional do autor para que o leitor a perceba e se atente para ela.

É notável a confusão existencial de Pasenow e temos o exemplo de uma passagem do livro onde ele tenta rezar e começa a divagar sobre uma imagem à sua frente que retrata a Sagrada família católica, imaginando “descansar sobre aquela nuvem dourada nos braços da mãe de Deus virginal ou no colo da polonesa de cabelos negros” (BROCH, 2011, p. 185). Mais à frente discutiremos este estado do personagem de quase “sonhar acordado”.

A tristeza de Pasenow é pesada, sempre se mostra obscura e é suportada a partir de sua romanticidade. Muitas vezes ele pensa em seu amigo Bertrand, homem de negócios, que o aconselha sempre e parece direcionar sua vida, mas por outro lado quer se afastar dele, pois que sua forma de estar sempre satisfeito consigo mesmo fazia Pasenow sofrer:

Diante da naturalidade arrogante com que Bertrand encarava o encontro, Joaquim decidiu que o evitaria a qualquer custo. Mas ele sofreu com o fato de ser obrigado a abrir mão daquele momento diante da segurança e da leveza do amigo e de sua habilidade para a vida. (BROCH, 2011, p. 239).

A leveza, para Kundera (1988), se caracteriza pela ausência de ter que sustentar as responsabilidades do sujeito e, a partir disso, entendemos que a leveza de Bertrand torna ainda mais insuportável o peso de Pasenow. Entendemos que essa representação metafórica de Kundera explicita melhor o porquê de haver essa tensão na relação de

Bertrand e Pasenow e que Broch procura estar sempre mostrando no decorrer da narrativa.

A leveza de Bertrand é almejada por Pasenow, mas ao mesmo tempo repelida. Bertrand é um homem confiante e traz segurança para Pasenow o fato de estar diante de alguém seguro de si, porém por mais que Pasenow também pareça transmitir alguma segurança, ele se sente perdido e, nesse sentido, estar com Bertrand também o irrita.

Após seu casamento com Elisabeth, Pasenow ficou feliz por ela estar cansada para que pudessem apenas dormir e deitam como se mal se conhecessem, imóveis, olhando para o teto.

A primeira parte da história de Pasenow se encerra assim. Quando não se lê de forma atenta, o leitor pode até crer ser um romance normal, no qual um personagem não pode ficar com seu verdadeiro amor. Porém, se trata de uma narrativa esgotada, na qual o sofrimento de Pasenow e negação de si mesmo e de suas vontades estão explícitos intencionalmente em cada parte do livro.

Adiante, utilizaremos de partes do terceiro volume do livro para entender como se dá esse sofrimento no futuro de Pasenow. Para Broch, esse sofrimento não pode ser encarado como qualquer outro sofrer, pois provém não só da relação dele com sua família e conhecidos, mas com todo um sistema que parece tornar esse tipo de situação ainda mais suscetível.

3. A decadência de valores

São narrados tempos de guerra no terceiro volume, “Huguenau ou a objetividade” (1914). Pasenow agora é um major e um senhor com mais idade. Ciente de todas as abominações e injustiças que a guerra traz, sente como se no período de guerra todos os valores se suspendessem/fossem suspensos. Ele então se atrela a mais um ídolo que lhe oferece segurança: a religião. Seus momentos de paz são quando vai a um porão improvisado juntamente a colegas fiéis louvar a Bíblia cristã.

Para Broch (2011), o ponto central de cada época seria o conjunto de valores morais, que afeta a história de todos os viventes inseridos nesse período, sendo refletido

culturalmente e isso é chamado por ele de “espírito da época”. Mesmo que haja a mudança de uma época para outra, ele afirma que o absolutismo do *logos* estará sempre presente como uma nuvem de pensamento que sombreia toda a história, no sentido dos valores morais sempre estabelecerem um caminho aparentemente harmônico, único e lógico. Os sujeitos representariam toda essa estrutura moral por trás de qualquer pensamento particular, como se houvesse uma hierarquia onde o progresso lógico fala mais alto:

(...) o mundo não é imposição imediata do eu, e sim imposição mediata, ele é imposição de imposições, imposição de imposições de imposições e assim por diante em uma interação infinita. (BROCH, 2011, p. 349).

Não perceber essas imposições, seria para Broch o fato de elas já serem tão naturais ao longo da história, mas denuncia que isso vem matando outras formas de pensamento. A dúvida não existe para o sujeito que percebe a palavra de Deus como “medida para todas as coisas”, pois tudo está resolvido para esse sujeito; basta esperar o futuro prometido chegar.

Em relação à Pasenow, é como se todo o positivismo não conseguisse dar conta de sustentar o desespero da guerra. Broch sugere que por mais que o positivismo pós idade média procurasse afastar o platonismo escolástico, ele próprio é platônico, pois sugere um progresso futuro em detrimento do presente. Simplesmente trocaram-se os valores por outros mantendo a mesma racionalidade e não é difícil para Pasenow se voltar aos valores religiosos.

Nietzsche, contemporâneo de Broch, em sua obra “Genealogia da Moral” (1887) reitera a importância de investigar a história do conceito com o qual estamos lidando. Ao desconstruir e investigar as origens da moral moderna, ele se depara com um paradoxo: por um lado a moral cristã insiste que os aspectos humanos são ruins e repulsivos, mas por outro lado expressa compaixão pelas pessoas que lutam contra seus comportamentos considerados irracionais pela Igreja e a partir disso mostram que há um caminho “ideal” para trilhar. Numa passagem de seu livro, o escritor ironiza:

O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande nojo ao homem; e também a grande compaixão pelo homem. Supondo que esses dois um dia se casassem, inevitavelmente algo

de monstruoso viria ao mundo, a "última vontade" do homem, sua vontade do nada, o niilismo. (NIETZSCHE, 2004, III, §14).

Isso tem muito a ver com o jovem Pasenow do primeiro volume, pois ele está dividido entre a repulsa e o orgulho de si mesmo. Repulsa por não ter desejado a mulher “ideal” com a qual seu pai quer que se case e, por outro lado, tem orgulho de estar servindo devidamente ao serviço militar e finalmente se casar com Elisabeth.

Deparamo-nos então com o problema da escolha. O bem e o mal no presente são algo que não conseguimos distinguir e há certo desespero em escolher se “isso ou aquilo” fará bem ou mal para si. A intenção de Broch ao colocar seu personagem em uma situação de escolha seria mostrar que se o sujeito não tem consciência disto, ele é um sonâmbulo.

Eis então um paradoxo da modernidade: como chamamos um sujeito de sujeito se ele não tem capacidade de escolher por si só? “Os sonâmbulos” é uma narrativa que encara o presente, o que não é tarefa fácil, visto que olhar para trás é mais conveniente.

“Os sonâmbulos” é narrado no século XX; uma época em que a sociedade quer olhar para o futuro de forma objetiva e o homem é feito para ser racional. Broch é consciente de que essa segurança que o positivismo traz é falaciosa e por isso o espaço do romance é fecundo para suas reflexões sendo que “fora do romance nos encontramos no domínio das afirmações: todo mundo está seguro de sua palavra: um político, um filósofo, um porteiro. No território do romance não se afirma: é o território do jogo e das hipóteses”. (KUNDERA, 2011, p.72).

A partir disso, entendemos que a escolha de Broch em colocar questões filosóficas no âmbito do romance literário lhe permite mostrar as fraquezas de um sujeito que, apesar de mostra-se sempre seguro de si com suas afirmações, tem também medos e angústias. Para ele, o sujeito que não consegue escolher e mudar o destino que o mundo lhe impõe, vive de forma sonâmbula.

Após explicitar como a história de Pasenow se desenrola na obra e analisar as escolhas estéticas de Broch com o grande apoio de Kundera, vamos continuar a tratar da condição de Pasenow, buscando também justificar a condição humana daquela época para mostrar a universalidade que as questões presentes em “Os sonâmbulos” nos traz.

Evaldo Sampaio no livro “Por que somos decadentes?” (2013), investiga as obras de Nietzsche fundamentando o que seria o niilismo e acreditamos que essa obra

nos auxiliará a entender as razões que levaram esse filósofo a sugerir uma decadência de valores. A partir de suas leituras das obras de Nietzsche, o pesquisador sugere que muitas vezes o motivo de não se questionar se os juízos morais impostos são realmente verdadeiros é que esses juízos podem incentivar a conservação da vida e a propagação de nossa espécie, tornando-os indispensáveis, como se não houvesse a possibilidade de viver em outro sistema.

Uma característica diferente no terceiro volume de “Os sonâmbulos” (2011), é que Broch dedica vários capítulos independentes intitulados de “Decadência dos valores”, onde pensa como se dá a degradação dos valores a que seus personagens estão sujeitos.

O pessimismo de Broch em relação ao presente é evidente quando fala sobre a decadência dos valores. Ele critica a dialética hegeliana, pois Hegel teria chamado a história de “caminho para a libertação do espiritual” (2011, p. 344). Para Broch, essa dialética do discurso humano levaria apenas ao auto dilaceramento de todos os valores. Entendemos que Hegel transforma a concretude do homem num atributo que o levaria ao Espírito absoluto e universal:

Em Hegel, o sujeito é a Ideia, Razão ou Espírito absoluto, que é a totalidade do real, incluindo o próprio homem como um atributo. A sua atividade moral não é senão uma fase do desenvolvimento do Espírito ou um meio pelo qual o Espírito como verdadeiro sujeito se manifesta e se realiza. (VASQUEZ, 1984, p. 252).

Para Broch, o Espírito universal seria um ente que age objetivamente impondo valores durante a história e, a partir disso, define-se uma pessoa. O vínculo que o sujeito estabelece com os valores morais é indissolúvel para Broch, pois esses valores são tomados como verdades e a vida só é compreendida a partir deles, sendo que qualquer sistema diferente será sempre posto em contraste com os valores tomados de antemão como verdadeiros.

Nietzsche diz que os valores que desenvolvem a dualidade bem e mal estão presentes na humanidade de forma milenar e apesar de todas as guerras e revoluções, sempre são um ideal formulado por uma minoria que rege os povos. Como exemplo, ele fala que o cristianismo traria a ilusão de liberdade a partir do livre-arbítrio, mas também

ataca todas as religiões e seus dogmas que retiram do sujeito seu autodomínio. Diz ele que “todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldade” (NIETZSCHE, 2004, I, § 3).

Para entendermos a confusão da tristeza de Pasenow, analisamos o que Nietzsche fala sobre o sofrimento pessimista que ocorre quando o sujeito está mergulhado em suas tarefas para com a moral estabelecida. Este fica envergonhado de si por querer sair do sistema moral e o sofrimento é revoltante, não pelo fato de em si mesmo proporcionar a dor, mas por não ter sentido. Para Broch, quando o sujeito está imerso em uma moral:

Jamais sabe algo da irracionalidade que constitui a essência de suas ações silenciosas, nada sabe do “assalto vindo de baixo” ao qual está entregue, nada pode saber disso, pois em cada momento de sua vida se encontra no interior de um sistema de valores, embora esse sistema de valores não sirva a nenhum outro objetivo senão ao de encobrir e conter tudo o que é irracional, que carrega a vida empírica vinculada à terra: não apenas a consciência, também o irracional é, para expressá-lo kantianamente, um veículo que acompanha todas as categorias – é o elemento absoluto da vida que, com todos seus impulsos, querer, emoções, corre ao lado do absoluto pensar, e não apenas o sistema de valores, ele mesmo sustentado pelo ato espontâneo da imposição de valores, que é um ato irracional, mas também o sentimento de mundo por trás de todo o sistema de valores, tanto em sua origem quanto em seu ser, está longe de qualquer evidência racional. (BROCH, 2011, p. 447).

O pressuposto do sistema moral seria, para Broch, encaminhar a irracionalidade do homem ao racional absoluto, mas esse pressuposto seria eticamente inválido. Todo sistema de valores não conseguiria cumprir esta promessa, pois tenta cercar a “maldade” humana sem sucesso, fazendo o sujeito deteriorar-se em si mesmo. Broch mostra que se supõe ainda que a razão se tornou autônoma e isso sim seria uma imposição maldosa, posto que ela é rígida, não permitindo alterar sua forma, “ela principia sua decadência e seu estilhaçamento definitivo” (BROCH, 2011, p. 449).

A razão autônoma conduziria os homens a criarem sistemas menores dentro do sistema de valores maior e com as mesmas intenções de alcançar certo absolutismo em seu esquema, sendo como uma “teologia privada”, por exemplo, o sistema militar, sendo que:

(...) faz parte da lógica do soldado jogar uma granada de mão entre as pernas do inimigo; faz parte da lógica militar aproveitar os meios de

poder com a mais extrema consequência e radicalismo e, caso seja necessário, aniquilar povos, derrubar catedrais, abrir fogo sobre hospitais e salas de operação. (BROCH, 2011, p. 166).

O resultado disso são diversas forças privadas coexistindo e, quanto mais se desenvolvem, menos vontade ética se tem, pois que os sujeitos passam a se tornarem indiferentes ao irracional. O sujeito também cria seu sistema de acordo com seus próprios valores.

Essa indiferença ao irracional corresponde ao que Broch chama de “decadência dos valores”, pois é o ponto no qual os valores éticos são suspensos. Isso ocorre no período de guerra, no qual matar já não é o ato mais maldoso que se pode fazer ao outro.

A partir disso, para Broch a destruição do sistema estaria iminente. No momento em que o sujeito segue um sistema de valores e o vê se despedaçar, cria para si uma “teologia” mais privada ainda, pois esta é somente sua. O sujeito cria suas próprias regras tencionando-as de acordo com seus valores individuais.

4. O sofrimento oculto

Desse modo, o sujeito procura se agarrar em ideais: “para que o sofrimento oculto, não descoberto, não testemunhado, pudesse ser abolido do mundo e honestamente negado, o homem se viu então praticamente obrigado a inventar deuses.” (NIETZSCHE, 2004, II, §7).

Nem sempre isso é tarefa apenas religiosa, pois apesar de todo o refinamento moral histórico, Nietzsche (2004) julga que até mesmo os filósofos se valem da crença no “reino da verdade”, ou seja, acreditam que é possível alcançar verdades morais baseadas em fundamentos apriorísticos objetivos. Ele diz que disso são criadas “fábulas conceituais”, como a ideia de “puro sujeito do conhecimento, razão pura, espiritualidade absoluta, conhecimento em si” (NIETZSCHE, 2004, III, § 12).

Pasenow, no decorrer da obra, foi interiorizando todas as suas vontades e, para Nietzsche, essa interiorização do homem o corrói, pois faz o homem sofrer consigo mesmo. De forma histórica, ele explica que o estabelecimento de regras para dominar as

vontades humanas ocorreu de forma violenta, tendo colocado a humanidade em “formas”.

Retornando ao modo que a moral opera, Sampaio (2011) diz que uma das dificuldades encontradas por Nietzsche é entender como os seres humanos, que se julgam serem homens de conhecimento não conhecem a si mesmos. A partir disso, a moral e a cientificidade teriam pelo menos um grau de falseamento. O discurso moral se baseia em estabelecer determinados valores que delimitarão o que é moral e o que é imoral.

Nietzsche não procura cair na mesma armadilha da moral e valorar se a moral estabelecida é boa ou má, pois procura criticar como a escolha do bem e do mal ocorre de modo natural. Historicamente, a moral vinha se modernizando a cada época, como quando citamos a transição do sujeito medieval ao sujeito moderno, mas há sempre um louvor aos valores.

Quando a própria existência perde seu valor em si mesma, o sujeito se encontra num vazio, sem vontade de viver, tornando-se niilista. A vida de Pásenow já estava pré-estabelecida moralmente e seus sentimentos verdadeiros foram violados. Ele se sente triste num primeiro momento, mas depois é como se tanto fizesse os rumos que teria que seguir, pois que suas ações teriam que ser conforme a moral independente de suas vontades.

A importância de Nietzsche para essa discussão é que ele compartilha da época do personagem Pásenow e fala sobre o niilismo europeu. Sampaio diz que “é no âmbito de afirmação ou negação da vontade ou do querer que se pode avaliar a ascensão ou decadência de um modo de vida” (2013, p. 200).

A partir disso, entendemos que Nietzsche mostra que o sujeito violentou a si mesmo ao longo da história e que a moral é absurda por mudar seus valores sem questionamento humano algum, como por exemplo, o fato de nem todo mundo partilhar dos mesmos direitos e da obrigatoriedade do casamento como ocorreu com Pásenow. Há tempos era considerado imoral um homem ter apenas uma mulher para si.

Supor que exista apenas uma única perspectiva a ser seguida é absurdo para Nietzsche, posto que se pousarem diferentes olhares sobre cada conceito formulado,

seria impossível concebê-los como puros e universais a todos os seres humanos em suas diferentes culturas, morais e modos de agir.

Para se conhecer a realidade, é impossível partir de regras, pois que cada sujeito tem uma interpretação e mesmo que esta lhe pareça absolutamente verdadeira, pode não o ser para outro sujeito. Acontece que a modernidade não está disposta a se abrir às mais distintas interpretações e mesmo que não consiga provar que apenas uma interpretação ou um ponto de vista vale necessariamente para todos, o sistema insiste em fazer o sujeito aceitá-lo. Assim como para Nietzsche, Broch diz que os sistemas de valores tem consciência dos problemas éticos que traz??

O sistema total supraordenado, o sistema religioso, portanto, é completamente consciente desse estado de coisas. A igreja conhece apenas um sistema de valores, o próprio sistema de valores, porque, de acordo com sua conduta platônica, conhece apenas uma verdade, apenas um logos: regulada de modo plenamente racional. (BROCH, 2011, p. 459).

A partir do momento em que o sujeito se torna niilista, ele sente culpa por isso e sente autodesprezo, mas se pergunta Nietzsche se ele não pode ser outro senão ele mesmo, como se livraria de si mesmo? A ambição desses “enfermos” é se tornar a própria representação dos valores e se conseguem, sentem-se superior por isso.

Pasenow, no terceiro volume da trilogia, encarna a representação dos valores que tanto romantizou. Ele é considerado um homem correto, que trabalhou para fazer sua carreira até assumir a posição de major, e passa superioridade e sabedoria ante os demais. Quando passa a se dedicar à religião, ninguém ousa contestá-lo e pelo o contrário, ele adquire seguidores, pois sua ação é louvável. Sua vaidade e orgulho por estar representado assim compensa a angústia de estar vazio.

E disso se forma um ciclo, no qual os mais fracos se espelham num homem que representa seu ideal e quando crescem, eles mesmos tornam-se ideal para outros, como ocorreu com Pasenow. Diante desse fato, Nietzsche comenta sobre a vaidade de homens como Pasenow, que sustentam seu efeito estético nos outros em detrimento de si mesmo:

(...) os monstros de mendacidade que buscam aparecer como almas belas e exibem no mercado como pureza no coração, sua sensualidade estropiada

envolta em versos e outros cueiros: a espécie de onanistas morais e “autogratificadores”. (NIETZSCHE, 2004, III, § 14).

Nietzsche também os chama de fiadores do futuro. Estes que mostram o caminho aos que sentem desespero são “sacerdotes ascéticos” e constroem seu reino sobre sua dominação aos que estão sofrendo, aos doentes. Para que o sacerdote tenha credibilidade, ele mesmo tem que ser doente, pois tem que conseguir entender como se dá o sofrimento do próximo.

A partir disso, o sacerdote ascético procura ser amparo ao sofrimento dos outros, instruindo-os, segundo Nietzsche (2004) de forma tirana, pois “defende-os” dos “sãos”, dos que pensam. Dessa forma, o sacerdote ascético castra toda a potência dos homens de mudarem o sistema, que seria de forma tempestuosa e violenta.

Esse sacerdote procuraria, para Nietzsche, estabelecer um terreno para “fazer-se a todo instante senhor dos sofredores” (NIETZSCHE, 2004, III, § 15). O sofrimento torturante e oculto dos que estão sujeitos à degradação dos valores faz o homem procurar um afeto para que suspenda ao menos por algum instante essa dor.

Para justificar a dor, o sacerdote ascético propõe que alguém é culpado por este sofrimento, e que este sofrimento está nas vontades do próprio homem, seja no seu passado ou presente. Vontades essas que não deveriam existir, pois são irracionais, selvagens. O que sofre está mergulhado em arrependimento e se empenha em fazer de tudo para acabar com o sofrimento:

(...) os sofredores são todos horivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeiras e aparentes prejuízos, eles revolvem as vísceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se do próprio veneno da maldade – eles rasgam as antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher e quem lhe for mais próximo. (NIETZSCHE, 2004, III, § 15)

Desse modo, a culpa do sofrimento é direcionada não ao sistema moral, mas mais ainda para si mesmo. O sacerdote, para Nietzsche (2004), trata dos sofredores

como se fosse seu rebanho de ovelhas e sua forma de conduzi-los lhes parece lógica, pois que toda causa tem seu efeito e a causa do sofrimento é atribuída a si mesmo.

Toda essa dominação tornaria esses “doentes” inofensivos, destruindo a si mesmos porque se tornam vigilantes de todas as suas ações e se julgam a todo o momento. Pasenow se tornara um sacerdote, mas isso não quer dizer que seu sofrimento acabara. Segundo Nietzsche, a Igreja seria uma “concentração e organização de doentes” (NIETZSCHE, 2004, III, § 16).

O pecado seria uma interpretação de aspectos da condição humana e delimita o lado correto e o lado incorreto do homem, como se houvesse um defeito fisiológico nos homens que teria de ser combatido:

O grande estratagema de que se utilizou o sacerdote ascético para fazer ressoar na alma humana toda espécie de música pungente e arrebatada, consistiu – todos sabem – em aproveitar-se do sentimento de culpa. [...] Apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimentos de culpa, ele veio a tomar forma – e que forma! O pecado – pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da má consciência animal. (NIETZSCHE, 2004, III, § 20)

Para Nietzsche, não há razão para se sentir culpado pelo simples fato de ser humano e a segurança e ar de veracidade transmitido pelo sacerdote, quando “encarna” as ações boas e virtuosas, o fazem se sentir o homem mais correto e isso não quer dizer nada, pois ninguém “tampouco é são apenas por sentir-se são” (NIETZSCHE, 2004, III, § 16).

A maneira com que o cristianismo desenvolve sua dominação, para Nietzsche, seria a mais engenhosa, pois que tem a tarefa de consolar o sofrimento:

(...) pelo tanto de aliviador, mitigador, narcortizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que se intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travados. (NIETZSCHE, 2004, § 17).

Dessa forma, segundo Sampaio (2013), a moral cristã é decadente para Nietzsche por fazer os sofredores acreditarem que a extirpação de seus impulsos vitais é benéfico e bom. Esses impulsos vitais sofrem uma hierarquização por parte da doutrina de acordo com a vontade que está por trás deles.

A luta contra esses impulsos num primeiro momento se caracteriza pela dominação que a doutrina exerce, mas logo depois, como diz Nietzsche (2004), funciona com um envenenamento que traz exaustão e o auto enfraquecimento por conta de o sujeito travar uma luta constante contra seu próprio eu.

Também, de acordo com Sampaio (2013), essa doutrinação que parte dos homens considerados bons é para Nietzsche uma “psicologia dos homens bons”. Esta apresenta a realidade como se fosse mentira; uma mentira a ser combatida, posto que se traduz em pecados. Disso inicia-se uma batalha contra a realidade, uma negação dela:

Enquanto estratégia de conservação dos mais fracos, a moral, tal como até hoje foi entendida – tal como formulada também por Schopenhauer, como ‘negação da vontade da vida’ -, é o instinto de decadência mesmo que se converte em imperativo – ela é o juízo dos condenados. (SAMPAIO, 2013, p.245).

Broch, em “Os sonâmbulos”, disse que o sistema moral estaria representado na cultura e é a cultura que o torna vivo. Para Sampaio (2013), a tradição é considerada uma autoridade superior, pois constrói um intelecto massivo que ordena e causa temor. Esse temor é a ameaça de que sem a tradição os homens estariam em estado de guerra, mas isso não passaria de uma ilusão para que o sujeito considere o outro confiável:

Não há severidade por trás da qual não haja medo. Mas o medo da desagregação em seitas seria um motivo insignificante para explicar a severidade protestante. E a fuga para a fidelidade da letra, a fuga para as escrituras é prenhe do medo divino, daquele medo que irrompe da petinência de Lutero, aquele medo “absoluto” ante a crueldade do absoluto. (BROCH, 2013, p. 289).

Sacrificar-se pelos costumes se torna algo tão natural, que o sujeito se sente livre dentro do sistema de valores, pois “fazem com que o sujeito se sinta agente e

paciente de seu próprio querer” (SAMPAIO, 2013, p. 270). Esse sentimento de autonomia é inverso, pois o indivíduo se sente forte sobre si mesmo porque consegue controlar suas vontades que se traduzem no orgulho de se sentir realizado nas verdades. Todo o grande afeto pode resultar em ações contra o homem para Nietzsche (2004), podendo ser cruéis. Todo excesso de sentimento teria seu preço e a dor causada pelo afeto tem como remédio a culpabilidade.

Sobre como a Europa se insere nesse meio, Nietzsche fala que todo esse sistema moral destruiu historicamente a saúde e vigor dos europeus não só intelectualmente, como também fisicamente e, exemplificando o contexto alemão, ele diz: quanto à “influência especificamente germânica: refiro-me à intoxicação alcoólica da Europa, que até hoje acompanhou passo a passo a preponderância política e racional dos germanos (- onde inocularam sangue, inocularam também seu vício)” (NIETZSCHE, 2004, III, § 21). A Igreja se tornou acessível na modernidade através de suas instituições e o Exército de Salvação teve um papel peculiar na Europa.

Vemos que no terceiro volume de “Os sonâmbulos”, Broch mostra o papel do Exército da Salvação no contexto da guerra e critica sua ajuda perante o sofrimento dos que se sentem desamparados. Esta instituição foi criada em Londres, no ano de 1865, como instituição de caridade cristã protestante. Os fundadores eram pessoas que tiveram diversos vícios como o álcool e também se constituía de mulheres que haviam sido prostitutas que foram convertidas ao protestantismo e se propunham a mudar a vida de outros sujeitos como acontecera com elas. Interessante levar em conta que esta instituição também é criticada por Nietzsche, em “Genealogia da Moral”.

O movimento se espalhou pelo mundo ainda no século XIX, procurando levar conforto aos que sofriam nas mais baixas camadas econômicas. No terceiro volume de “Os sonâmbulos”, Broch escreve vários capítulos intitulados “A moça do Exército de Salvação” e estes capítulos intercalam a história principal do romance, no qual apresenta um personagem que não tem ligação direta com os personagens principais (Pasenow, Esch e Huguenau). Esse personagem chama-se Bertrand Müller e sempre aparece na narrativa, pensando ou observando uma moça pertencente ao Exército de Salvação:

Quando um fenômeno desses, como o Exército de Salvação, se apresentava em suas modestas vestimentas da paz e da súplica implorante, a zombaria não parava mais. Queria-se ver coisas inequívocas e heroicas, em outras palavras, coisas estéticas, acreditava-se que essa devia ser a postura do homem europeu, estava-se preso a um nietzscheanismo mal compreendido, ainda que a maior parte jamais tivesse ouvido falar no nome de Nietzsche, e o fantasma só chegaria ao fim quando fosse exibido aos olhos do mundo tanto heroísmo que ele não mais lograsse enxergá-lo por ser tudo heroísmo. (BROCH, 2011, p. 52).

Observamos que Broch fora leitor de Nietzsche e talvez tenha lido “Genealogia da Moral”, que fora publicada setenta e três anos antes da publicação do terceiro volume de “Os sonâmbulos”. Em uma passagem do livro, observamos como a noção de tradição é importante para que as instituições morais se concretizem na história.

A moça do Exército de Salvação era Marie, uma menina com tarefas dentro da instituição, mas que sendo tão jovem, não questionava o porquê de estar ali. Sabia apenas que fazia ações consideradas boas e necessárias:

E assim Marie andou sem pejo por várias ruas de Berlim;
E por bares, sempre com seu uniforme desajeitado,
Na cabeça o chapéu de palha desfigurado.
Ela bruxuleava embora ainda menina,
E, quando cantava, era uma canção fina
E era sem sentido, mas mesmo assim tinha asas.

Marie era seu nome, e vivia em hotéis, não em casas,
Onde fedía azedo o corredor cinzento,
A chaminé entupida e a repolho bolorento,
E onde em todas as frestas a limpeza sujava,
Onde até no verão frio se passava,
E velhos ficavam em consultórios sentados,
Com bocas fedidas e pés suados...
Ali ela vivia, ali chutava a porta,
Ali ficava a cama em sua madeira marrom e morta,
E sobre a cama o crucifixo marrom. (BROCH, 2011, p. 71)

Marie representava a beleza provinda do bem que, segundo Broch, afeta esteticamente os que estão desamparados. Ela, ~~que~~ carregava consigo a limpa pureza em meio a pessoas sujas, levando a esperança cristã aos homens de almas vazias.

Nietzsche (2004) relaciona o Exército de Salvação aos sacerdotes ascéticos e denuncia que mostram a bíblia cristã como única leitura necessária ao homem com orgulho, substituindo as artes e as letras. Segundo ele, o Exército de Salvação trabalhava no combate à literatura pagã e shakespeariana, pois que na bíblia cristã

encontra “grandes homens, uma paisagem heroica e algo raríssimo sobre a terra, a incomparável ingenuidade do coração forte, mais ainda, encontro um povo” (NIETZSCHE, 2004, II,§ 22). Broch demonstra especial repulsa ao protestantismo:

O protestantismo, a primeira grande seita da decadência cristã. Uma seita, não uma nova religião. Pois a característica mais importante de uma nova religião faltava: a nova teologia que amalgama uma nova cosmogonia com a nova experiência de Deus, formando uma nova totalidade universal. (BROCH, 2013, p.286).

Com base nisso, Sampaio (2013) se pergunta por que os decadentes são tão comuns? A moral cristã interpreta a história concedendo o título de vencedor aos cristãos e promove essa tendência que tem como tarefa pressupor modos específicos de viver que, como dito antes, não consegue cumprir. O resultado se traduz na decadência dos valores.

Para Sampaio, “essa desvalorização de todos os valores conduz ou i) à incapacidade mesma de qualquer avaliação por parte dos agentes e, por conseguinte, o niilismo, ou ii) à tentativa de uma reavaliação de todos os valores” (SAMPAIO, 2013, p. 329).

Isso caracteriza a condição trágica humana. Nietzsche não propõe uma filosofia otimista que consegue solucionar prontamente os problemas morais, mas o ato de suportar a vida trágica, sem querer substituir a realidade por algum ideal, seria uma forma de afirmar a vida, mantendo-se sereno diante do “inevitável”. De acordo com Sampaio, não se trata de estabelecer um contra ideal, mas resguardar os doentes do ideal de negação da vida. A Igreja negaria a vida por negar os aspectos humanos e não encará-los frente a frente como parte do sujeito. A filosofia nietzschiana não impõe imperativos para orientar a vida.

Podemos considerar que Pasenow, a partir do momento em que percebe seus valores suspensos é incapaz, como diz Sampaio, de avaliar o que promove os valores e cai no abismo niilista; não fazendo disso tudo motivo para se deslocar de seu lugar seguro e ir ao encontro à reflexão moral.

Para que isso ocorresse, Pasenow teria que ter coragem de assumir a tragédia da condição humana. Como não o faz, a tese central de Broch é caracterizar esse sujeito

como sonâmbulo, pois vive entre a realidade e o irreal. Já no segundo volume do livro, intitulado “Esch ou a anarquia”, ele propõe isso:

Pois a realização sempre fracassa no real, mas o caminho da nostalgia e da liberdade é infinito e jamais pode ser percorrido até o fim, é estreito e retirado como o do sonâmbulo, ainda que seja o caminho que leva aos braços abertos da pátria e a seu peito a respirar. (BROCH, 2013, p. 299).

Vale lembrar que pela extensão da obra não tratamos dos outros personagens que tem tanta profundidade quanto Pasenow. Cada um dos três personagens principais está num momento dentro do período de 1888 a 1914, que vai desde antes da guerra, até sua chegada e a partir deles desdobra-se essa narrativa esgotada, que procura explicitar questões profundas da condição humana, deixando de lado, inclusive, descrições detalhadas dos espaços físicos em que os personagens se inserem.

Vemos que a narrativa criada por Broch, então, busca evidenciar que tipo de sujeito é esse que assiste a seu sistema de valores pouco a pouco perder sentido. No decorrer dela, busca-se evidenciar sempre o momento presente dos personagens e é proposta a desconstrução do alicerce que suporta esse presente conturbado.

Broch tenta revelar como se dá o processo no qual o sujeito projeta sua satisfação existencial para um momento que reside num futuro impalpável, pois no momento presente, por mais que se espere algo, há a angústia de nunca ter certeza de para onde se está indo e diante da situação de guerra os personagens buscam algo seguro para se amparar.

Disso sobressaem reflexões sobre a liberdade de escolha dos sujeitos em geral, colocada na obra como um paradoxo, pois que a partir da capacidade racional de escolha que todo ser humano possui, inferimos sermos livres.

A partir disso, dentro da obra, questionamos sobre onde se encontraria a liberdade, já que sempre há a sujeição a um sistema de valores que é imposto aos personagens, sejam estes religiosos ou não, que tem como base a promessa de uma situação melhor ao percorrer determinado caminho. Cada personagem da obra reage de forma diferente a esse problema da escolha.

Hannah Arendt dedicou um capítulo do seu livro *Homens em tempos sombrios* (2010) à análise do pensamento que Broch expressa em seus livros e ressalta:

(...) o mais abstrato e aparentemente, mas apenas aparentemente, mais especializado de todos os argumentos de Broch é sua concepção original de vida e de morte. Ele se apegou durante toda a sua vida o pensamento de que 'a morte é o não-valor em si', que nós 'experimentamos o sentido do valor apenas a partir do pólo negativo, a partir do ponto de vista da morte'. (ARENDT, 2010, p. 137).

Se o ato de maior desvalor que se pode realizar é matar alguém, então os valores realmente se suspendem na guerra. Broch fala sobre o possível desejo de um *führer* (líder) de sistematizar a sociedade. Isso pode soar com certo ar profético ao leitor contemporâneo, mas surge da análise que Broch faz em diversas passagens de “Os Sonâmbulos”, como esta:

E ainda que o progresso lógico da história tenha de ser derrubado sempre que a fronteira do infinito de sua construção metafísica for alcançada, e ainda que o quadro platônico do mundo sempre de novo se desvie a uma visão positivista, a efetividade da ideia platônica permanece indomável, ela, que em todo o positivismo sempre volta a tocar a terra maternal para, levada pelo *pathos* da experiência, levantar a cabeça sempre de novo. (BROCH, 2011, p. 350).

Retornando à discussão anterior que sugere que a moral surge como preservação da vida, nossa análise se ampara em Nietzsche que diz que “o ideal ascético é um tal meio: ocorre, portanto, exatamente o contrário do que acreditam os adoradores desse ideal – contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida” (NIETZSCHE, 2004, II, §13). Desse modo, quando o sujeito não suporta a tragédia, utiliza-se dos ideais ascéticos para suportar a vida diante da degradação dos valores.

A questão da morte, portanto, não é mais divisora das águas do bem e águas do mal. O soldado mata para não morrer, não importa se há um mandamento cristão que prega “não matarás”, sendo esse valor irrelevante diante da realidade. A degradação dos valores não começa com a guerra, mas se evidencia de maneira mais trágica ainda a partir dela, e entendemos que esse fato se concretiza na trágica vida dos personagens de “Os Sonâmbulos”.

5. CONSIDERAÇÕES

Até agora tentamos mostrar a partir de nossas análises como se deram as escolhas estéticas que Broch coloca na história do personagem Pasenow, contextualizamos o lugar e o tempo no qual Pasenow pratica suas ações e procuramos fundamentar as questões levantadas pelo escritor na filosofia, especialmente a nietzschiana.

A partir dessas considerações, que são base para esta pesquisa, sintetizamos as reflexões levantadas, após ligarmos a área da literatura com a área da filosofia, que têm modos diferentes de expressar o pensamento e observamos a possibilidade das duas áreas terem enxergado e tratado do mesmo problema.

As escolhas estéticas de Broch são desdobramentos de como ele pensa o sistema moral. Desde a personalidade de Pasenow, até os sujeitos com os quais ele se relaciona, são adicionados diversos signos que têm alguma intencionalidade, o que evidencia certas questões que aparecem com mais insistência que outras.

A narração do drama vivido por Pasenow convida o leitor a se colocar no lugar desse personagem. A Epistemologia do Romance propõe que a literatura promove alteridade entre o leitor e os personagens da obra e isso auxilia o processo de fruição, pois que uma história no âmbito fictício causa efeitos estéticos no leitor.

Já, os devaneios de Pasenow vão levar a um âmbito somente dele. O âmbito de seus pensamentos e reflexões, fazendo o leitor perceber a diferença do Pasenow que se mostra à sociedade e do Pasenow que está desesperado e angustiado com a sua realidade. Somente a partir disso conseguimos entender por que seu amigo Bertrand se mostra tão leve, em oposição ao peso que Pasenow foi destinado a carregar.

Nietzsche nos ajuda a entender o cenário ao qual Pasenow pertence, desde como os sujeitos observavam a si mesmos no período da modernidade, à religião protestante e seus modos de agir sobre os homens, como através do Exército de Salvação. Ele aponta as consequências dos que moldam esse cenário.

A partir do pensamento filosófico dele percebemos que o sujeito moderno está inserido num contexto em que os valores morais religiosos parecem estar sendo

desconstruídos em meio a uma época em que o racionalismo científico começa a prosperar. Dessa forma, a ideia de progresso que substitui os valores religiosos no fundo resultam no mesmo: o sujeito põe crenças num futuro ideal.

Acreditar num futuro ideal é colocar em evidência o momento presente. Pasenow quando jovem aceitara tudo o que lhe era destinado e, como citado ao longo do trabalho, se apegava às representações que a moral tinha, travestida em romantismo, seja através da imagem de pureza de Elisabeth, seja em seu uniforme militar.

No primeiro volume de “Os sonâmbulos”, a religião tem certa distância de Pasenow e se aproxima dele quando romantiza a realidade que lhe fora imposta. Gradativamente, porém, nos parece que Pasenow se aproxima dela buscando resposta para o seu sofrimento.

Quando Pasenow chega à velhice, percebe que o tempo passou e que o presente permanece vazio e sem significado. A moral começa a degradar, pois a guerra chega e o cenário se torna absurdo; os sistemas morais são atomizados progressivamente, fazendo os sujeitos criarem sua própria “teologia moral”, como falou Broch.

Dessa forma, Pasenow corre atrás de valores, pois como diz Broch, os sujeitos são descritos conforme seus valores: se eles adotam os valores bons ou se adotam os valores ruins. Ele encontra o sistema de valores na moral cristã e decide se empenhar em segui-la como nunca antes.

Os sistemas atomizados dizem respeito às regras que o homem impõe a si mesmo diante de condições que a guerra impõe à sociedade, como: a fome, as doenças, perdas de membros do corpo e perda de seus familiares. Essas regras são baseadas no que cada um tem para si como valor.

Pasenow não é um homem sem perspectiva econômica, vivendo nos lugares mais sujos da cidade, como os homens que a moça do Exército de Salvação visitava. Ele mantém o patrimônio de seu pai e observa de longe a tragédia da degradação dos valores se concretizando. Disso, não tendo quase esperança na sociedade doente, decide rezar e se entregar ao cristianismo.

Como se não bastasse, se transforma em um sacerdote ascético, pensando ser o salvador dos que sofrem e não podemos nos esquecer de que esses que o seguem sofrem

como ele. Para Nietzsche, em “Genealogia da Moral”, ele só é capaz de orientar o outro se compartilha do mesmo sentimento. Seus encontros religiosos seriam como um grupo de apoio entre os homens que sentem culpa e querem policiar suas vontades consideradas pelo cristianismo como irracionais.

Essa culpa é a explicação de Nietzsche para mostrar como a Igreja desenvolve um sistema que transforma o sujeito em autodestrutivo, renunciando a si mesmo. A culpa se daria quando o sujeito se arrepende de ter tido vontades consideradas irracionais e é autodestrutiva, porque estes aspectos “irracionais” são naturais à condição humana.

A vontade irracional, por sua vez, é chamada de pecado, o conceito que Nietzsche ataca veementemente, por possuir fundamento nos próprios aspectos humanos. Desse modo, o próprio ser humano carregaria o pecado em si mesmo, como se contivesse um “erro de fabricação” de Deus.

O fato de essa culpa atingir tantas pessoas, portanto, está explicado. As ações naturais de um ser humano desde se apaixonar, desejar praticar o ato sexual, ao ato de raciocinar por si mesmo, são comuns a todos e, dessa forma, todos estão pecando por, em sua gênese, poderem pensar o que quiserem e agir conforme seus sentimentos mais verdadeiros.

Explicando de forma nietzschiana, Pasenow violenta a si mesmo e propaga essa violência quando promove o cristianismo aos outros homens como se fosse a única alternativa. Ele nega sua verdadeira vontade, a transforma em pecado e, gradativamente, vai degradando a si mesmo.

Saindo do âmbito religioso, vimos que Nietzsche observa o mesmo problema nos próprios filósofos, pois que estes utilizariam de conceitos apriorísticos formulando conceitos que se pretendem universais, para alcançar a forma mais pura de cada coisa, seja ela metafísica, ou não.

Broch expressa que no fundo todos somos sonâmbulos, pois mesmo que nós tenhamos a possibilidade da escolha, o futuro pode sabotá-la. Nenhum sistema consegue provar de maneira irrefutável como se dará o futuro se o sujeito percorrer determinados caminhos.

A humanidade está enclausurada no tempo. A única coisa que conhece é seu passado e a tragédia reside no fato de que os sistemas morais trabalham em cima de um futuro que será recompensador, de acordo com o cristianismo, ou que seguirá num progresso infinito do conhecimento, segundo as linhas positivistas.

A “esperteza” do sistema religioso é justamente a culpa. Quando a culpa reside no próprio sujeito, o motivo para se viver é trabalhar para não repetir os atos ruins e promover essa “verdade” a todos os sujeitos que puder, praticando uma espécie de “salvação”.

Desse modo, a instituição cristã “Exército de Salvação” não poderia ter outro nome senão este. A partir das reflexões sobre ela, podemos intuir o que Nietzsche chamou de tradição moral. A moça do Exército de Salvação será substituída por outra moça e, ainda mais tarde, por outra e, mais outra, fazendo com que a tradição não se perca.

Assim são os “doentes inofensivos”, pois que não percebem que estão doentes, segundo Nietzsche, e são inofensivos porque trabalham apenas com boas intenções, como a moça Marie, que mal sabe o porque de estar ali, mas deposita todo seu coração nas ações cristãs, como se obedecesse um argumento *ad hominem*.

Marie era uma representação, assim com Elisabeth o fora para Pasenow. O modo que Broch a descreve, atingindo esteticamente o povo doente, nos faz crer que sua beleza incentiva. Há um momento narrado em “Os sonâmbulos” em que Marie canta:

“Vamos para a guerra, para a luta,
Cheios de coragem, fé e clareza.
A raiva de satã nos assusta
Nem toda a sua vileza.
A nossa frente tremula orgulhoso o pendão
Sempre pronto a vencer.
Na vanguarda e à mão,
Ele nos leva a combater!

Queremos fiéis a ti nos entregar
E até a morte lutar.

A ti queremos dedicar a nossa última centelha,
Ó bandeira azul, amarela e vermelha.” (BROCH, 2011, p. 244).

Uma das maiores teses levantadas por Broch e Nietzsche é a de que o cristianismo foi o mais “engenhoso” sistema moral. Broch ainda enfatiza a engenhosidade do sistema protestantista, que foi como uma modernização do cristianismo para dominar de maneira mais plausível o mundo moderno.

Broch mostra que fato de o Exército de Salvação ter se tornado tão popular deve-se ao fato de que todos no momento da guerra se relacionam de alguma forma com o que esta instituição busca oferecer. E como a partir de Nietzsche vemos a denúncia de uma sociedade europeia procurando se apoiar em algo, o Exército de Salvação chega para preenchê-la absolutamente.

Podemos retirar do pensamento que Broch e Nietzsche propõem que a sociedade europeia naquele momento ansiava por representações heroicas para se inspirar e tentar se mostrar parte dessas representações. A representação funcionaria como um ideal ao qual as pessoas se atrelavam para se sentirem confortáveis.

Quanto à decadência dos valores, ela culmina com a guerra, posto que “diante da morte é permitido tudo ao ser humano, tudo se torna livre, por assim dizer gratuito e estranhamente descomprometido.” (BROCH, 2013, p. 213). Sobre isso, Nietzsche não tem como falar em “Genealogia da Moral”, pois que esta obra foi publicada bem antes de a Primeira Guerra culminar, mas, se analisarmos bem, muitas de suas falas que por vezes parecem “exageradas”, não têm exagero algum no momento da guerra. Isso parece soar como uma espécie de aviso.

Concluo que a partir do texto literário é possível abstrair diversas questões filosóficas e explorá-las de modo a criar um conhecimento maior sobre um tempo e um problema. Entendemos que a literatura pode funcionar como um laboratório onde se pode estabelecer diversas relações e se fruir a fim de estabelecer um conhecimento bem fundamentado.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARROSO, Wilton. BARROSO, Maria Veralice. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*, 2015. In: Jorge Luis Gutiérrez. (Org.). *Filosofia e Literatura*. 1ª ed. São Paulo - SP: Giostri Editora, 2015, v. 01.

BROCH, Hermann. *Os Sonâmbulos – Pasenow ou o romantismo: 1888*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.

_____. *Os Sonâmbulos – Esch ou a anarquia: 1903*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.

_____. *Os Sonâmbulos – Huguenau ou a objetividade: 1918*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.

HEGEL, G. W. Friedrich. *Cursos de Estética*. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2001.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. de V. Rohden U. B. Moosburguer. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. de V. Rohden & A Marques. Rio de Janeiro: Forense, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo C. de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PAULINO, Itamar. *Entre a criação literária e o conhecimento: aproximações epistemológicas e estéticas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores humanos*. Tese de doutorado de Itamar Rodrigues Paulino, apresentada ao Departamento de Teoria Literária, da Universidade de Brasília, 2014.

SAMPAIO, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à Estética*. Trad. de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.